

BALAI DE POLVÓRA Nº 1

Aperiódico Libertário - Cultura, Política e Anormalidades



SUJEITO A EXPLOSÃO APÓS A LEITURA!



EDITORIAL

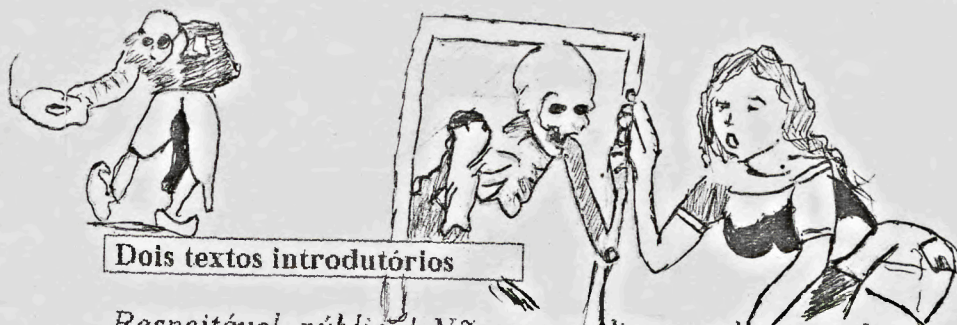
Entre as cinzas-azuis dos escombros do neoliberalismo, que mais uma luta pariu, eis que nasce o BALAIO DE POLVÓRA, resistindo, espalhando-se e perturbando os pensamentos conformistas, moldados pelas idéias prontas, questionando a obediência civil e a passividade da mentalidade da classe média que se estende e permanece na lamúria e no sofrimento.

Combateemos essa lesma lerda, esse cenário trágico com as armas que possuímos e criamos: com ironia combatemos a depressão, com nossa individualidade combatemos a criação das massas, com nossa ousadia o conformismo, com nossa criatividade a estética mercadológica, e desta forma, ainda conseguimos respirar.

Espontâneos como os beatnicks, acreditando e atuando com a ética anarquista e ousados como a estética contracultural punk, BALAIO DE POLVÓRA nasce, como já disse o poeta: ... "desafinando o coro dos contentes!"

"Não me libertem, eu encarrego-me disso."
(Maio de 1968, França)





Dois textos introdutórios

Respeitável público! Não vos pedimos palmas, pedimos bombeiros! Se quiserdes salvar as vossas tradições e a vossa moral, ide chamar os bombeiros ou se preferirdes a policia! Somos, como vós mesmos, um imenso cadáver gangrenado! Salvai nossas podridões e talvez vos salvareis da fogueira acesa do mundo!

-palavras ditas pelo personagem Hierofante (a moral) –
Oswald de Andrade – na peça “A Morta”

"Eu sei que vocês estão aí fora. Eu posso senti-los. Eu sei que vocês estão com medo... medo de nós. Vocês estão com medo da mudança. Eu não conheço o futuro. Eu não vim aqui dizer como isso vai acabar. Eu vim aqui dizer como isso vai começar... Eu vou desligar esse telefone e mostrar a essas pessoas o que vocês não quer que elas vejam. Eu vou mostrar um mundo sem você. Um mundo sem regras nem controles, sem limites ou fronteiras, um mundo onde qualquer coisa é possível. O que haverá depois, você vai decidir."

O discurso iluminista de Neo: A busca da verdade e da liberdade.





ATO PÚBLICO- para que nenhum de nós seja a próxima vítima!

É preciso dar um basta no racismo, no preconceito e na intolerância! O respeito à diversidade é essencial na construção de uma sociedade que se pretende democrática. Nela o preconceito, a discriminação, a intolerância e o ódio não podem ter lugar.

Qualquer pessoa, independente de sua origem, credo, cor ou orientação sexual tem que ter seus direitos humanos e da cidadania respeitados sempre,

na família, no trabalho, na luta pelo emprego, na escola, no local de moradia, no atendimento dos serviços públicos e privados e no direito de ir e vir.

Quem defende a superioridade de uma raça sobre as outras, quem vê no semelhante um inimigo por causa da sua origem, cor, crença religiosa ou orientação sexual é também um defensor do autoritarismo, da exploração, da escravidão e do extermínio.

Aqueles que estimulam ou praticam a violência contra negros, nordestinos, homossexuais, judeus, punks, árabes, latinos e asiáticos devem merecer da sociedade o repúdio, e da Justiça a punição na forma da Lei.

Infelizmente, no estado de S. Paulo, esses inimigos da democracia têm encontrado campo fértil para crescer e para agir. Fábio Henrique Oliveira dos Santos, Nilton Verдини, Edson Nêris, Emanuel Jorge Santana e Cleiton da Silva Leite estão entre as vítimas fatais do ódio e da intolerância. Eles foram mortos por skinheads, ou porque eram negros, ou nordestinos, ou homossexuais, ou punks. Dezenas de outros foram espancados e entidades sofreram ameaças. O medo está presente nas ruas, nas praças, nos trens! Até quando? Até a próxima vítima? E se for você essa vítima?

Será que é tão difícil monitorar esses grupos, que têm páginas na internet, que produzem materiais de divulgação de suas idéias nazistas, ainda mais quando movimentos e entidades de direitos humanos já entregaram dossiês sobre como, onde e de que forma eles agem?



Será impossível investigar quem municia financeira e ideologicamente jovens conhecidos como skinheads, carecas do subúrbio ou do ABC, Poder Branco ou Imperial Klans do Brazil, entre outros?

É preciso dar um basta! E isto tem que ser feito pelas autoridades responsáveis pela segurança nossa de todo dia. Deixar de fazê-lo é ser omissa, e omissão é crime. Com a palavra o Sr. Governador Geraldo Alckmin;

Sr. Secretário Estadual da Segurança Pública, Saulo de Abreu Castro Filho;
Sr. Procurador Geral de Justiça do Estado de São Paulo, Dr. Luiz Antonio Guimarães Marrey.

Assinam este documento:

Ação Direta

Apeoesp

Associação Parada do Orgulho GLBT/SP

Coletivo Contra a Discriminação Racial CUT/SP

Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa SP

Coordenadoria de Transgêneros da APOGLBT/SP

CORSA - Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor

Frente Parlamentar em Defesa da Criança e do Adolescente

Frente Parlamentar em Defesa da Igualdade Racial

Frente Parlamentar Estadual pela Livre Expressão Sexual

Grupo ELES - Encontro, Liberdade, Expressão, Sexo Seguro

Grupo Identidade Campinas

Grupo Prisma/DCE Livre da USP

Instituto Edson Nêris

Juventude do PT/SP

MAP/SP - Movimento Anarco Punk /São Paulo

Movimento Nacional de Direitos Humanos

Movimento Negro Unificado - MNU/SP

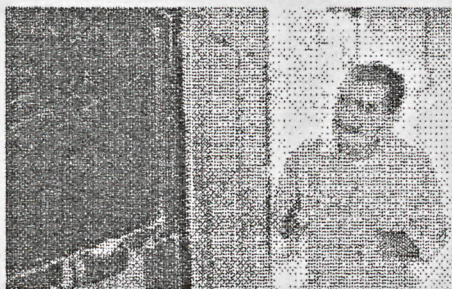
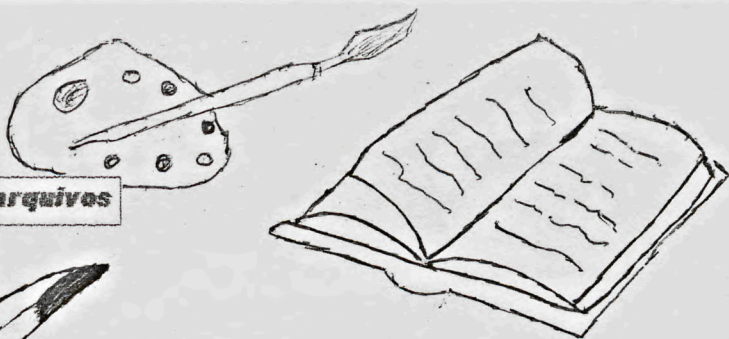
Orgap - Organização Anarco Punk SP

Setorial Municipal GLBTT PT/SP

Sindicato dos Advogados SP



Abrindo arquivos

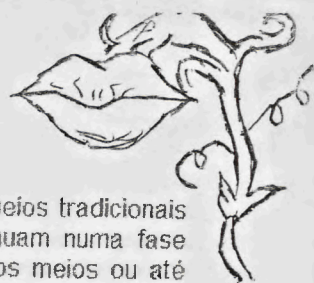
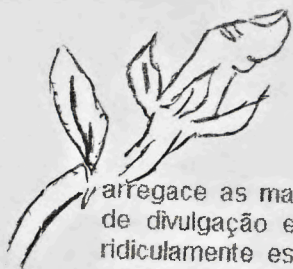


Segue abaixo entrevista realizada com o escritor João Antônio ao jornal capixaba A Gazeta em 18 de abril de 1976, com o delicioso título:

“A RUA É UMA ESCOLA E O BOTEQUIM UNIVERSIDADE”

Como você vê seu trabalho no momento porque passa a literatura brasileira?

- Eu me ressinto, como qualquer escritor que pretenda um trabalho que não fique apenas no gabinete, mas que saia e faça leitores, questionamentos, indagações, diálogo, enfim. A verdade é que não tendo um organismo que centralize as suas atividades e que aproveite todo o seu potencial, o escritor fica disperso no todo cultural. Dai porque tenho tido a oportunidade de declarar que o escritor brasileiro está mais longe da profissionalização do que da Lua, de Marte ou de Mercúrio. Não vejo, pessoalmente, o trabalho literário como apenas produzir livros – acho que ele é pouco numa situação cultural precária como a brasileira. Necessário que o escritor



arregace as mangas e sala a campo e, já que os meios tradicionais de divulgação e até de distribuição de livros continuam numa fase ridiculamente estagnada, é urgente providenciar novos meios ou até cria-los. Então, vem o trabalho do escritor junto às faculdades, aos institutos de letras, às escolas de comunicação, etc.. Chega a hora de debater com os leitores os livros escritos. Mas a realidade atual é que o escritor está inteiramente isolado enquanto classe. E, o máximo que poderá fazer será um trabalho ou solitário ou em grupos. Este ano devo prosseguir o meu roteiro daquilo que eu não chamo de "conferência" mas de debate, conversa, discussão, diálogo com estudantes. Mas nem todos os escritores podem ou querem topar uma parada dessas. No meu caso, acho simplesmente que o escritor não começa a abrir caminhos, estudar novas possibilidades, mesmo que seja a peitadas ou remando contra a maré. Há outros entraves e a verdade é que vivemos ainda num país de cultura muito provinciana. Se um escritor não fala, ele é omissos; se fala, é cabotino. Escritor em geral tem trabalhado mais em função de um pé de vaidade pessoal do que em termos de uma possível, embora distante e difícil, profissionalização. Muito necessária outra consciência não apenas literária mas, também como política de trabalho.

Até que ponto sua literatura se identifica com sua experiência ou vivência?

- Só escrevo aquilo que vejo, que convivo, etc. Não me acredito um autor imaginoso, capaz de falar de sinuca, leões-de-chácara, marafonas, rufões, transportes coletivos, empregadinhas, gente ligada ao jogo de bicho, às corridas de cavalo, donos e frequentadores de botequins, expedienteiros e marginalizados, pingentes urbanos, sem conhecer essa gente de perto. Aliás, tenho opinião radical quanto a isso tudo. Para mim, a rua é uma escola e o botequim uma universidade. Há muitas coisas que não podem ser aprendidas dentro de uma igreja, não é? Acho que para tentar refletir a vida de um povo, o escritor tem que se aproximar do povo. E mais, procurar olhar as coisas do ponto-de-vista de uma ótica popular e não da ótica do escritor. Digo isso com outras palavras e força de embalo no **Corpo-a-Corpo Com a Vida**, capítulo final de **Malhação do Judas Carioca**, meu terceiro livro. Creio humildemente que quanto mais eu entender de um aspecto vital popular, melhor será minha produção nesse terreno. Exemplos: transportes coletivos; quanto

mais eu entender de homem do transporte coletivo – de motorista a passageiro e a cobrador – mais firme será o meu recado sobre aquela gente. Antes de mim já se disse que uma literatura é uma decorrência da estratificação da vida de um povo. Quanto ao homem, esse tem de ser sempre, desde a **Bíblia** ou o **Dom Quixote de la Mancha**, o epicentro do mundo. Dai também achar que o que deve determinar uma forma é o conteúdo. Trocando miúdos: imaginemos uma cena de umbanda: o que dará a forma de um conto ou novela ou romance sobre umbanda serão os próprios movimentos, apropriada dinâmica daquela religião. O escritor, a meu ver, não pode ter formas apriorísticas, principalmente num país de aspectos de vida praticamente inéditos para a literatura – futebol, vida fabril, umbanda, pingenciado urbano, pequenas profissões, problemas de saúde, habitação, etc. Os conteúdos numa realidade como a nossa é que deverão fornecer as formas.

Como você vê o posicionamento de nossos intelectuais face à realidade brasileira?

- Há boas e más tendências. A boa turma está toda voltada para olhar ao seu redor e ver as coisas sem semióticas, hipermodelismos, estruturalismos, realismos fantásticos, pansexualistas, hermenêuticas e outros embelecos mentais de praticamente inacessível compreensão (...) Nossos intelectuais estão longe de agirem com um sentimento de classe; aí, a meu ver, o seu defeito principal. As ações isoladas poderão não levar a nada mais que algumas soluções esporádicas e muito individuais. Tudo isso é muito triste, lamentável, altamente provinciano, amadorístico, castrador, beletrístico. Só acredito em ação unificada, planejada, conjunta. O resto é uma espécie de paliativo. Mesmo resolvida a minha situação haverá um quadro geral que não se modifica nos últimos anos – mesmo os **best-sellers** nacionais continuam com tiragens ridículas de 3, 4 e 5 mil exemplares. A literatura jovem (escritor no Brasil tem 40 anos...) prossegue distante das escolas o preço do livro é alto diante do poder aquisitivo geral e os meios de distribuição continuam paupérrimos – para nós 100 milhões de habitantes, temos 500 livrarias, apenas 400 estão gabaritadas as faturas que assinam.

E a propalada morte da poesia? Onde você sente a falência?



- Parece-me que a poesia entrou num beco sem saída. E para sair do beco, ela terá de retroceder, isto é, voltar ao valor que ela tentou repudiar: a palavra. Depois de semióticas, estruturalismos e outras ciências e tecnalidades – que, sinceramente, não entendo bem a que vieram e o que vieram acrescentar – parece-me que uma meia-volta-volver será a ordem unida mais provável e viável para a poesia. Resta só saber se os gurus da semiologia e do poema processo terão humildade para tudo isso. A morte da poesia, tão propalada, se parece muito com a morte da reportagem, no jornalismo. Nenhuma das duas morreu, apenas não estão sendo feitas a qualquer momento.

.....

Já dizem que você está badalando demais. Você está badalado demais?

- Lamentavelmente, há ainda uma visão muito provinciana do sucesso literário no país. A verdade é que o escritor é bastante atacado (até subrepticamente), invejado, detestado, principalmente quando se salienta em outras profissões: jornalismo, publicidade, etc. Uma visão reacionária, um sentimento ressentido e negativo cerca o escritor que, sobrevivendo como jornalista ou publicitário consegue se salientar na literatura. Para os seus companheiros de trabalho, em geral o êxito é indisciplinável, é uma ousadia sem nome e merece imediato castigo "justiça" a ferro e fogo. Para essa ótica provinciana, o ideal seria que o escritor morresse anônimo, paupérrimo e, se possível, romanticamente tuberculoso ou seriamente canceroso. É terrível descarnar a verdade, mas em todo redator de jornal ou agência de publicidade, mora em geral um escritor frustrado. Invejas, pinimbas, futricas, fofocas, detrações e até infâmias acompanhavam vários dos escritores. Há os que ficam esperando o primeiro pecaço do escritor de verdade, para lhe cair de pau sobre a cabeça. E se esquecem de escrever e, antes de tudo, um exercício de responsabilidade, de disciplina intelectual, de limpeza de caráter e de coragem. A inversão provinciana dos valores atualmente começa a partir da linguagem, do vocabulário: um escritor conhecido é tido como um escritor badalado. Querem pobreza cultural mais que essa, sem falar na miséria humana? Quando alguém consegue mover a cabeça neste raquitismo vergonhoso em que vive a nossa cultura, a

ordem dos reacionários e provincianos é: pau nele! Se um escritor não dá entrevista é taxado de esdrúxulo, neurótico e esquisitóide; quando um escritor dá entrevistas e depoimentos, então, é atrevido, vaidoso, megalomaniaco e picareta; se um escritor se cala, é omissivo; se um escritor fala, é cabotino. Todo esse espetáculo para mim, é triste, muito bobo. Só deve ficar quieto quem não tiver o que dizer.

O crítico Aguinaldo Silva escreveu que em lugar "das confissões pessoais e dos problemas emergentes da classe média", você optou por mostrar o que se poderia chamar de povo brasileiro. Este caminho é espontâneo ou foi buscado intencionalmente?

- Das faixas sociais a classe média é que mais me irrita pelo medo que tem de qualquer tipo de mudança, pelo imobilismo que a torna mesquinha, pelas ilusões egoísticas que a escravizam a crediários, planos e prestações, pelo seu gosto pela mentira, acomodação, pela sua falta de sonho, de grandeza e de lutas pela libertação. Eu a chamo de classe **mordea**, corruptora de idéias, incapaz de assumir a sua pobreza com dignidade e eternamente aferada a valores mornos e decadentes. Lamentavelmente a classe média é volumosa, proteiforme e múltipla, se intrinca, cresce e se bifurca, com a falta de caráter da tiririca. Não sou filho da classe média. Nasci de operários, emigrantes, gente sem eira nem beira, mas acostumada a encarar as durezas da vida e não precisamente sustentar pés de vaidade para sobreviver. Detestando o populismo, ainda hoje tenho os meus dois pés fincados em Presidente Altino, Osasco, onde moram meus pais. Meu irmão Virginio, dois anos mais novo que eu, é mecânico ferramenteiro e em minha família há pedreiros, motoristas, carpinteiros, trabalhadores em frigoríficos e nas estradas de ferro. Aprendi, mesmo tendo lido e feito curso, mesmo convivendo com intelectuais, a respeitar aquela gente sofrida, usada, taxada e relaxada de impostos: os oprimidos, os esquecidos e os humilhados. Acho que o centro dos problemas brasileiros e, logo, de uma possível literatura brasileira está no homem brasileiro. E, claro, o homem do povo, aparentemente sem grandeza; acho que é dele que pode ser extraída uma boa literatura contendo mundos fundamentais de nossa vida: o futebol, a umbanda, a estrada de ferro, os transportes coletivos, a miúda vida doméstica dos subúrbios, as lutas, mais mesquinhas pela sobrevivência, a vida fabril, do pequeno comércio, etc. Não intencionei escrever sobre meus personagens,





eles me tomaram a pancadas e me impuseram o caminho certo (ou mesmo errado). Escrevo quando estou **mordido** profundamente motivado e, assim, escrever para mim é também ir à forra, passar a limpo certa diferenças.

A literatura brasileira de nosso tempo está a altura do drama brasileiro do nosso tempo?

- Em alguns livros, uns poucos, sim. Temos, no entanto, uma literatura pobre em termos de nosso tempo. O escritor brasileiro, em geral, parece ter vivido distante das verdadeiras fontes do drama brasileiro, todas incrustadas na vida do povo-povo, paupérrimo, desvalido e esquecido. O drama brasileiro da habitação – não temos uma literatura das favelas. A comédia brasileira de costumes de nosso tempo. A farsa brasileira do comportamento – não temos um equivalente em literatura. O drama brasileiro da saúde – não temos uma literatura das doenças, principalmente das doenças da pobreza. A confusão brasileira das religiões – não temos uma literatura religiosa. O pão e o circo dos estádios – não temos uma literatura do futebol. Os transportes urbanos – não temos uma literatura da Central do Brasil ou de ônibus. Há começos aqui e ali, neste ou naquele autor (...) Nós nos distraímos muito com os modelos estrangeiros, precisamos **macacalmente** dos padrões vindos de fora, nos deslumbramos com “ismos” e nos afastamos da realidade ao nosso redor, muitas dentro de nossas vidas, na nossa rua, no nosso caminho, na nossa casa. Estamos, de certa forma, esquecidos de reatar fios consideráveis como os das obras de Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Lima Barreto; nos distraímos, no momento, com influências da onda e lançamos mão dos hispano-americanos. Não que não sejam bons escritores. Mas nos afastam do nosso mundo, igualmente rico como os **macondos** ou **garabombos**. Igualmente ricos como as **bruzundangas** e os **macunaimas**. Sem mergulhar no epicentro de tudo – o nosso homem – jamais esta literatura chegará à altura do drama brasileiro do nosso tempo.



Contracultura

2984

Incorporando as Entidades Clara Crocodilo e o Bandido da Luz Vermelha

assim falou Zaratustra
ao Recruta Zero: quem tiver de sapato
não sobra

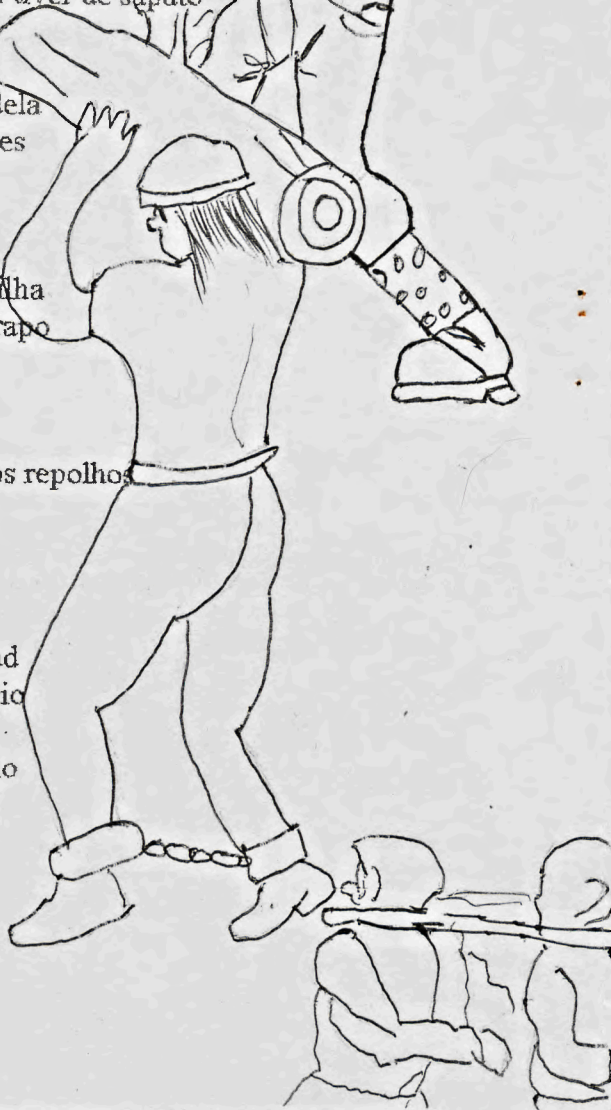
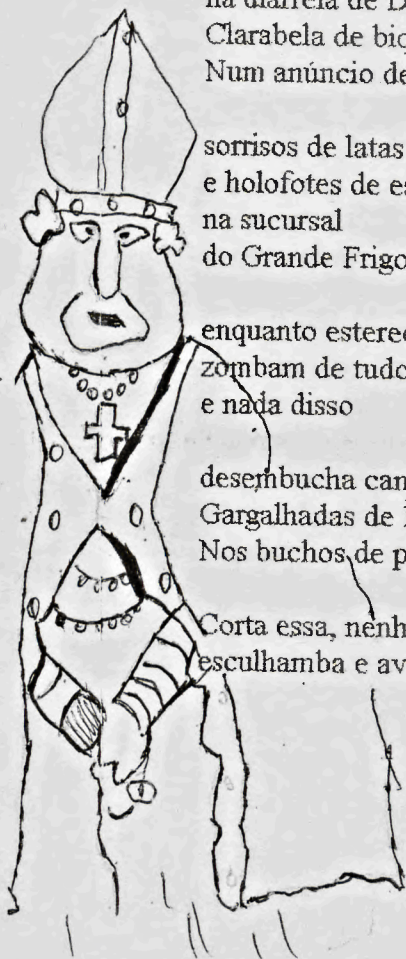
office-boy com mortadela
na diarreia de Dr. Phibes
Clarabela de biquini
Num anúncio de soda.

sorrisos de latas de ervilha
e holofotes de esparadrapo
na sucursal
do Grande Frigorífico

enquanto estereofônicos repolhos
zombam de tudo isto
e nada disso

desembucha canalha!
Gargalhadas de Rosebud
Nos buchos de precipício

Corta essa, nenhum grilo
esculhamba e avacalha



o Bandido da Luz Vermelha
aos gritos
de Clara Crocodilo

Durango Kid Alighieri
perfume de Gardênia

uma lâmina no olho
e o cérebro equipado
para a próxima amnésia.



Marcelo Montenegro – Fonte: Revista Coyote, nº 3

BALAIO DE POLVORA

Recebemos e Agradecemos, as seguintes publicações: Coletivo Expressivo (Poemas Libertários)/ Agudos; Grito de Revolta das Mulheres Libertárias/ SP; AutoMídia/ Bauru; via e-mail: A Plebe nº 30, 31, 32; Combate Anarquista nº 30

Além dos vários e-mails, de companheiros do GIEPS, hajahoje, PROFOSP, PROFOSP-OESTE, Luta Libertária, entre outros.

O artigo denuncia "Ato Público: para que nenhum de nós seja a próxima vítima", foi enviado pelos companheiros do PROFOSP, devido o ato anti-nazi realizado na praça da República em São Paulo no dia 13 de janeiro de 2004, e devido as posturas e atitudes nazistas que vem ocorrendo recentemente, a nível nacional, resolvemos publicá-lo.

O ensaio "gigante Adamastor", foi enviado pelo amigo Frei, de Assis.

Aforismos Etilicos

REFLEXÕES DISPERSAS DE UMA MENTE INVIÁVEL

Diz

Rês Peito

Há

Quem

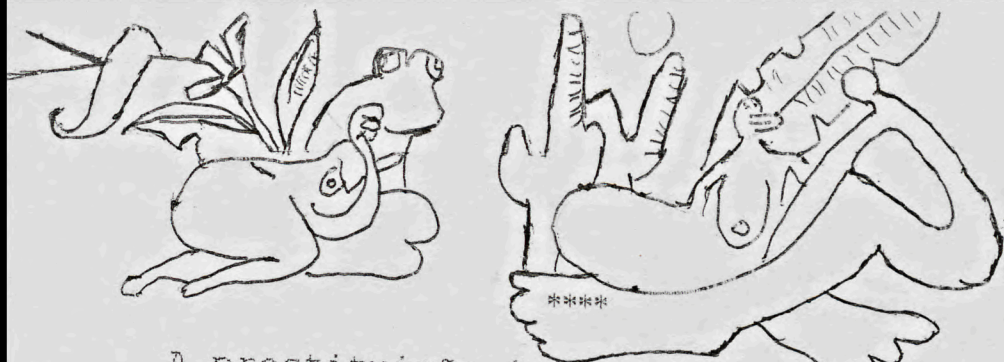
Dez! ? . . .

um maço de cigarro e um cinzeiro sobre a mesa
sobre a mesa, um maço de cigarro, um cinzeiro e
um isqueiro
um cinzeiro com cinzas, um cigarro em brasa, um
sujeito

tossindo cof cof cof

Domingo passado não teve missa;
as beatas reclamaram, as crianças
choraram, enquanto no presídio o
pedófilo orava em sua cela.

O alarme na casa do vizinho dispara
Não há ninguém para desligar
A segurança de um é a insônia de muitos



A prostituição é a bandeira do orgulho do machismo!

A rua está movimentada nesta madrugada, 3H00s, os carros não param, ele precisa atravessar a rua. Perigo, velocidade: carros, motos, playbóis com seus falos motorizados. No 12º andar de um edifício ali próximo, uma garota nua, observa de sua janela o rapaz, que por ela se apaixonara, embriagar-se no boteco ali em frente.

trabalhando descobri que errar é humano, desde que o erro não seja do empregado.

Na loja de 1,99 sempre falta troco; me contento com o sorriso da linda balconista!

No campo: o que se planta explode, o campo está minado!

Charles de Andrade - fragmentos em datas - e porres - distintas.





Ensaio

gigante Adamastor

Adamastor era velho. Com esse nome, não podia ser novo. Alguém conhece um adamastor de vinte anos? Eu não. Mas esse eu conheci. Ele vivia sempre por esses lados, chegamos a frequentar a mesma pensão, de uma velha nojenta que fedia naftalina. Conversei poucas vezes com Adamastor. Mas foi o suficiente. Lembro que um dia fomos tomar uns tragos de vinho do porto, puta merda, como é bom o vinho do porto. Ficamos numa mesa, a chorar nossas pitangas. Ele, velho de um lado. Eu, velho do outro.

É muito estranho quando dois velhos se encontram e são novos amigos. As pessoas pensam que os velhos só tem velhos amigos. Mas pode-se ter novos amigos, novas pessoas, novos amores. Novas imagens de seres vivos a entreter-nos a alma nesses tempos de aposentadoria.

Sim, eu me aposentei. Agora não sou mais ninguém, não faço mais nada, não quero correr atrás disso que as pessoas chamam de vida, enquanto corro daquilo que chamam de morte. Não, isso não. Nessas horas é bom ser velho, ficar acoado no canto e tentar esquivar-se das memórias. Esquivar-se de eventos tristes, como a morte da minha esposa, lembro perfeitamente da última vez que a vi. Ela entrou num trem amarelo, velho, que ia pra metrópole. Ela olhou pra mim, eu pra ela, da estação. Só pude lhe dar meu velho cacharrel para que se aquecer. Se eu não vi mais ela? Claro que vi. Quando as pessoas se vão, você continua a vê-las. Todos os dias, em seus sonhos, em sua memória. Sabe, ser velho não é fácil. É um travar forças tremendo, mesmo quando não se tem mais forças. Eu fico aqui, lutando esgrima com minhas memórias. Minha espada são meus dias, os dias que tive, este, e os que terei, se os terei.



Não, não há muito o que se fazer, quando se é velho. Se de um lado você tem a memória pregando-lhe as tais peças, do outro lado você encontra uma velha conhecida da adolescência, a imaginação. Uma vez ouvi uma canção que dizia que ela era mais importante que o conhecimento. O conhecimento são as memórias, logo...

Olhar para frente, e isso que faço quando estou a imaginar. Mas não tenho um horizonte assim tão vasto, na verdade fico perambulando de pensão em pensão, minhas expectativas, bom, deixa pra lá. O que se pode fazer com as expectativas?

Fico no cais por horas e horas olhando o movimento lento, ténue e doce dos navios. Me divirto muito com isso. Medito com isso. Quando vejo uma balsa encostar num colosso daquele, que será dominado pelo práctico, e não pelo capitão, eu penso no práctico. Vocês devem saber o que é um práctico. Pois é. O cara vai lá, assume os comandos e, usando uma linguagem da aviação, taxeia a majestosa carreta aquática de aço até seu estacionamento. Lá, ela é descarregada. Depois? Depois fica lá, mais um tempo, esperando por algo ou alguém para lhe mostrar o caminho. Como em outra canção.

Por vezes faço o mesmo. Estaciono em um lugar e despejo meus sentimentos. E eles são tantos, tantos... se você pudesse imaginar, o quanto eles são imensos, como o oceano, o quanto me navego por eles, o quanto causam tempestades e naufrágios em mim, viriam que sentimentos são isso, oceanos, nada mais que isso...

E a maré não está pra peixe, como dizem os estivadores que bebem uns tragos comigo em algum dos inferninhos...

A diferença é que o navio tem um práctico a lhe guiar. O nome, melhor não há. Prático. Eu, eu sou um navio velho, de aço enferrujado. Não tenho o práctico, e mesmo com todos esses dias, com todos esses amores a me navalhar o coração, não tenho a prática. A vida é uma constante experiência. Talvez quando meus dias acabarem, esgotarem sua cota, poderei ser práctico. Mas não terei mais meu navio a me guiar no oceano dos sentimentos. Não terei mais meu corpo de

velho, com minhas rugas, meu corpo de, como também dizem pejorativamente os estivadores, meia-foda.

Sou um navio, é isso que sou, já se sabe, me falta o prático, quando estaciono nos portos causo uma catástrofe, rompo diques, atropelo a terra, todas essas coisas. Depois fico ali, no porto, atracado, estacionado, esperando... Espero pela nova carga, pelos novos marinheiros a arrotar o cheiro das velhas prostitutas, espero pelo mar, por estar nele, de novo, velejando sobre, por cima, em, dentro, através dos sentimentos.

Não há muito o que se fazer quando é velho.

O Adamastor eu nunca mais vi. Nem vem ao caso, era só mais um velho perambulando por aí. Nem sei porque estou a falar dele. Vai ver é ele outro navio. Quando crianças, somos botes; quando jovens, balsas; quando apaixonados, veleiros, quando velhos, somos botes, balsas, veleiros, tudo junto. Somos navio.

Vai ver o Adamastor é um encouraçado.

Vai ver todos somos encouraçados, por algo ou alguém, que nos fizeram se perder ou se achar pelo caminho.

No mar, não há estradas, não há caminhos. E rota é coisa de polícia.

Altieres Edemar Frei

Participe do Balaio de Pólvora enviando material: textos, release, depoimentos, livros, resenhas, entre outros de aspectos libertário, contraculturais, surreais, anormais, ou simplesmente entrando em contato com sugestões, críticas, xingos, etc., para

anarcaipira@bol.com.br

Machistas, homofóbicos, nazistas, não precisa nem escrever



12.12.03

ODE A SELONOS

Hans De Roos: Andy Warhol / "200 Campbell's Soup Cans" / Julie

Naturezas perdidas que se encontram entre as ondas do vento, tornam-se mais refinadas ao longo dos dias. Parece-me que quando sinto, penso melhor....ouvir as vozes que gritam em minha carne, e transmitir através das vibrações de minha língua, eis meu dilema de vida.....Pensar nisso é um problema, escolhi sentir, e nadar entre as notas da orquestra estelar.

Não quero viver distante de minhas vontades viscerais, quero música, quero sexo, quero rock!!!

ACIMA de tudo ROCK!!! Colocar minha vida distante dos estupros cotidianos, é somente mais uma nota da música que corre em minhas veias. Música, uma palavra tão pequena mas que expressa sentimentos indizíveis, tocam nosso espírito como as pétalas de uma papoula, sim essa sensação move o universo, o universo esta dançando, e acredito eu, que podemos dançar com ele. Esse sentimento que pode tanto libertar como escravizar, permela nossos dias, e mesmo que não pensemos ou percebamos, ele flui entre as brisas do nascer do sol, e os lençóis púrpuras do por do sol.

LIBERTAR nossos desejos viscerais das prisões que produzem notas padronizadas, e extremamente vazias.... conduz a existência brutalizada e sem sentido da rotina sufocadora, a caminhos onde a imperfeição e o improviso, são as regras da vida. Caminhar como quem aproveita o torpor de uma tragada, durante uma tarde que se põem como pétalas em brasa..

Eis meus amigos, o que lhes digo, pisem em cima das mãos que cavam seus túmulos, levantemo-nos de nossos buracos escuros, e respiremos o hálito do mundo !!! O constante sufocar, não é uma formula absoluta, os fracos, aceitam sua liberdade presa aos pilares dos templos, nós, SELONOS, buscamos as curvas da embriaguez musical... dançamos ao redor de uma fogueira, e como selvagens, apaixonados por seus instintos, abraçamos o céu, com vinho em nossas bocas.

Marcos W

dados de referência -
SELONÔS - concerto em 05.dez.03.
local: república das Mercedes
ASSIS/SP



Quanto Puder, Conecte!

www.hajahoje.blogspot.com

www.guerrilhalirica.blogger.com.br

www.cantolibertario.cjb.net

Coletivo de Estudos Anarquistas Domingos Passos
www.nodo50.org/insurgentes/passos.htm

www.artedocaos.blogger.com.br

Coletivo Ação Verde
www.cave.org.br

